“POR QUE NÃO SOU CATÓLICO”

Carl Gustav Jung

Em primeiro lugar: porque sou um cristão prático a quem o amor e a justiça que devem a seu irmão significa mais do que especulações dogmáticas sobre qual é a verdade ou mentira, que nenhum ser humano pode jamais ter certo conhecimento.

A relação com meu irmão e a unidade do verdadeiro “católico” a cristandade é para mim infinitamente mais importante do que a “justificação por fé por ela mesma.”

Como cristão, tenho que compartilhar o fardo da vida do meu irmão erro, e isso é mais pesado quando não sei se no final, ele não está mais certo do que eu. Considero isso imoral, em qualquer caso totalmente anticristão, colocar meu irmão em erro (isto é, chamá-lo tolo, idiota, rancoroso, obstinado, etc.) simplesmente porque suponho que sou de posse da verdade absoluta. Cada reivindicação totalitária gradualmente isola-se porque exclui tantas pessoas como “desertores, perdidos, caído, apóstata, herege”, e assim por diante. As próprias manobras totalitárias encurraladas, não importa quão grande seja o número de seguidores originais eu asseguro todo o confessionalismo é completamente anticristão.

Segundo: porque sou médico. Se eu possuísse a verdade absoluta eu não pude fazer nada além de colocar na mão do meu paciente um livro de devoção ou orientação confessional, o que não ajudaria em nada mais para ele. Quando, por outro lado, descubro na sua inverdade uma verdade, em sua confusão uma ordem, em sua perdição algo que foi encontrado, então eu o ajudei. Isto requer uma abnegação incomparavelmente maior e auto-entrega pelo bem do meu irmão do que se eu avaliasse, corretamente do ponto de vista de uma confissão, peas motivações de outro.

Você subestima o imenso número de pessoas de boa vontade, mas para a quem o confessionalismo bloqueia as portas. Um cristão tem que se preocupar com si mesmo, especialmente se for médico de almas, com a espiritualidade do supostamente não espiritual (confessionalismo espiritual!) e ele pode fazer isto apenas se ele falar a língua deles e certamente não se, para dissuasão no caminho do confessionalismo, ele soa a trombeta querigmática(proclamada), já rouca com idade. Quem fala no mundo de hoje de uma verdade absoluta e única está falando em um dialeto obsoleto e de forma alguma na língua da humanidade. O Cristianismo possui um “evangélion”(livro), boas novas de Deus, mas nenhum manual de dogma com pretensão de totalidade. Portanto é difícil entender por que Deus nunca deveria ter enviado mais de uma mensagem.

A modéstia cristã, em qualquer caso, proíbe estritamente presumir que Deus não enviou “evangelion”α em outras línguas, não apenas em grego, para outros nações. Se pensarmos de outra forma, nosso pensamento é, no sentido mais profundo, anticristão.

O cristão – minha ideia de cristão – não conhece fórmulas de maldição; na verdade, ele nem mesmo sanciona a maldição lançada sobre os inocentes pelo rabino Jesus, nem presta ouvidos ao missionário Paulo de Tarso quando proíbe amaldiçoar o cristão e então ele mesmo amaldiçoa no momento seguinte.

Terceiro: porque sou um homem de ciência.

A doutrina católica, tal como a apresentas tão esplendidamente, é familiar para mim nessa medida. Estou convencido da sua “verdade” na medida em que formula fatos psicológicos determináveis, e até agora aceito isso como verdade sem mais delongas. Mas onde me falta essa psicologia empírica fundamentos, não me ajuda em nada acreditar além deles, pois isso não compensaria minha falta de conhecimento; nem jamais poderia me render à auto-ilusão de saber algo onde eu apenas acredito. Tenho agora quase setenta anos, mas o carisma da crença nunca surgiu em mim. Talvez eu seja muito arrogante, muito vaidoso; talvez você esteja certo ao pensar que o cosmos círculos em torno do Deus Jung. Mas, de qualquer forma, nunca consegui pensar que que acredito, sinto, penso e entendo é a única verdade final e que desfruto do indescritível privilégio da semelhança com Deus sendo o possuidor da única verdade. Você vê isso, embora eu possa estimar o carisma da fé e sua bem-aventurança, a aceitação de “fé” é impossível para mim porque não me diz nada.

Naturalmente protestarás que, afinal, falo de “Deus”. Eu faço isto com o mesmo direito que a humanidade desde o início equiparou os efeitos numinosos de certos fatos psicológicos com uma desconhecida causa primordial chamada Deus. Esta causa está além da minha compreensão, e portanto não posso dizer mais nada sobre isso, exceto que estou convencido da existência de tal causa, e de fato com a mesma lógica pelo qual se pode concluir da perturbação do curso de um planeta a existência de um corpo celeste ainda desconhecido. Com certeza, eu não acredito na validade absoluta da lei da causalidade, e é por isso que me resguardo contra “colocar” deus como causa, pois com isso eu teria dado a ele uma definição precisa.

Tal restrição constitui certamente uma ofensa aos confessores da Fé. Mas de acordo com o mandamento cristão fundamental, não devo apenas suportar e compreender meu irmão protestante cismático, mas também meus irmãos na Arábia e na Índia. Eles também receberam estranhos a idéia mas não notícias menos notáveis que tenho a obrigação de compreender. Como um Europeu, estou mais fortemente sobrecarregado com a minha inesperada escuridão irmão, que me confronta com seu neopaganismo anticristão. Esse estende-se muito além das fronteiras da Alemanha como o mais pernicioso cisma que já assolou o Cristianismo. E embora eu negue isso mil vezes, também está em mim. Não se pode aceitar este conflito imputando o mal a outrem e o direito indubitável a si mesmo.

Este conflito só posso resolver antes de tudo dentro de mim e não em outro.